PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COLABORATIVAS NA ALFABETIZAÇÃO DE ESTUDANTES COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

COLLABORATIVE EDUCATIONAL PRACTICES IN LITERACY STUDENTS WITH LEARNING DIFFICULTIES

Onília Cristina de Souza de Almeida[1], Teresa Divina Machado[2], Maria Luisa de Araújo Maia[3], Marcela Araújo Moraes[4]

Abstract – This article is a report of interclass reunification experience conducted with students of the third year of elementary school at a public school in the District Federal/Brazil. This experience with the participation of teachers, engineers, support staff learning and resource room for the purpose of literacy students complaining of learning difficulties and / or a history of failure. Initially, collaborative teaching practices to meet a group of 16 students were developed. The materials have been developed based on literature, specifically in the complexity approach. In this sense, the practice involved cooperation, adaptation and collaboration of conductor teacher, engineers, specialized team of learning support and resource room leading educational strategies in a quarter. It was observed that the students advanced in academic performance and test the level of Psychogenesis.

Index Terms – interclass groups; Collaborative practices; Learning difficulties.

INTRODUÇÃO

As dificuldades de aprendizagem e de alfabetização são temas recorrentes nas discussões educacionais pela sua complexidade e por apresentar vários desafios. Para alguns estudantes essas dificuldades se agravam, seja por aspectos internos ou externos

Pode se afirmar que a alfabetização e o letramento são processos imbricados para a inserção do sujeito em sociedade. Nessa dinâmica complexa, cabe ao professor lançar mão de estratégias que estimulem seus estudantes a lerem e escreverem de modo que eles saibam utilizar a leitura e a escrita socialmente.

Será discutido neste trabalho o Ciclo na perspectiva de um sistema complexo. Nessa linha, é preciso compreender o processo de ensino aprendizagem como um organismo vivo, influenciado pelo ambiente interno e externo, o que significa um novo paradoxo nos estudos educacionais, uma abordagem diferente da concepção das teorias clássicas da educação. O ato de educar é complexo, dinâmico e aberto (Almeida [1]), ou seja, pela sua complexidade, podem emergir as características de um sistema complexo no processo de ensino aprendizagem organizado em ciclos.

Neste relato, será descrita a experiência realizada em um projeto de reagrupamento entre classes no 3º ano do ensino fundamental da Escola Classe 104 de São Sebastião com objetivo de estimular a aprendizagem de estudantes com queixa de dificuldade de aprendizagem e/ou com histórico de reprovação. Esse projeto surgiu da necessidade de melhorar o letramento no terceiro ano. Portanto, na elaboração foram considerados as orientações pedagógicas do Bloco Inicial de Alfabetização e do Plano Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

REFERENCIAL TEÓRICO

A organização da escolaridade em ciclos não é uma prática recente no Brasil. Há relatos de implantação na década de 1960 com a finalidade de reduzir os altos índices de reprovação e repetência, especialmente, nos anos iniciais do ensino fundamental. Esse tipo de organização veio para substituir o regime seriado.

No Distrito Federal não foi diferente, segundo Villas Boas [2], foram feitas tentativas de implantação dos ciclos (fases e etapas) com objetivo de eliminar o fracasso escolar, estreitamente relacionado às práticas avaliativas. Porém, na

[1] Docente do curso de pedagogia do Centro Universitário de Educação Superior de Brasília e Pedagoga da Secretaria de Estado de Educação do DF; Graduada em Pedagogia pela Universidade Católica de Brasília; Especialista em Psicopedagogia pela Universo ; Mestre em Administração pela Universidade de Brasília; Doutora em Educação pela Universidade de Brasília. Quadra 9 conjunto C casa 8 Jardim Botânico 3 71.681-485, Distrito Federal, Brazil, onilia.almeida@gmail.com

[2] Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, Brazil, equipe.ec104@gmail.com

[3] Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, Brazil, Coordenadora dos anos iniciais do ensino fundamental I da Escola Classe 104 de São Sebastião, Distrito Federal, Brazil, maraujomaia77@gmail.com

[4] Psicóloga pela Universidade de Brasília, Psicóloga na Psicóloga da Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem da Escola Classe 104 de São Sebastião, Distrito Federal, Brazil, mahmoraes@gmail.com

DOI 10.14684/WCCA.8.2015.76-79
© 2015 COPEC

mesma década tal organização foi encerrada devido ao aumento de matrículas.

Em 2005, a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal iniciou a organização da escolaridade em ciclos, bem como, a implantação do ensino fundamental de 9 anos e incorporou o atendimento das crianças de 6 anos de idade ao ensino fundamental.

Apesar do BIA indicar mudanças que implicam na organização escolar, tais como: adaptação do trabalho pedagógico conforme necessidades dos aprendentes, progressão continuada sem retenção no 1º ano para o 2º e deste para o 3º ano, avaliação do currículo, da metodologias e estímulo a formação dos professores que considere essa dinâmica e a coletividade. Na prática criou-se uma realidade perversa quando muitos estudantes ficam retidos no 3º ano por dificuldade de alfabetização/aprendizagem e baixo rendimento escolar. Um dos fatores que prejudica a autoestima e uma forma de exclusão do estudante por não conseguirem avançar no desempenho escolar.

Oliveira [3] destaca que o professor alfabetizador precisa considerar a transcedência da questão da heterogeneidade própria de todos os alunos. Esse autor ressalta ainda outra questão, a de se atribuir, justamente aos estudantes que mais precisam de apoio, atividades que são pouco desafiadoras ou promotoras de aprendizagem, apenas com uma preocupação do controle disciplinar ao invés de levar "tarefas pouco desafiadoras" (PERRONOUD [4].

Segundo dados do Ideb em uma escala de 0 a 10, o DF atingiu em 2013, o índice na rede pública de (5.6). Esse resultado está próximo da meta nacional de 6,0 projetada para 2020, essa média é correspondente a um sistema educacional de qualidade comparável a dos países desenvolvidos.

Vale destacar que ao longo de muitas décadas, as discussões das concepções sobre ensino e aprendizagem têm implicações na ação docente, tendo consequências nas práticas de avaliação, independente da sua acepção mais tradicional (caracterizada como fim do processo educativo) ou na abordagem mais construtivista (processos, desenvolvimentos, percursos de formação e que se efetiva do início ao fim da escolarização). Ao se adotar essa última, considera-se que a avaliação é uma ação que inclui os vários agentes, ou seja, como uma ação intencional que se dá de modo multidirecional.

Nessa linha de raciocínio, busca-se um sistema integrado de co-avaliação, no qual docentes, discentes e equipes de profissionais da escola avaliem suas ações. Apesar da complexidade desse modelo, o planejamento do cotidiano escolar requer ações avaliativas de forma sistemática no sentido de possibilitar ao docente uma compreensão do processo de construção das aprendizagens pelos estudantes e de reflexão sobre as estratégias de ensino. Seguindo orientações do documento de Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (Brasil [5]), é preciso desenvolver mecanismos integrados de avaliação que possibilitem um acompanhamento do que é planejado até as ações de ensino que serão vivenciadas em sala de aula, utilizando-se instrumentos variados que permitam analisar a progressão dos estudantes. Portanto, a avaliação é um processo contínuo, ocorre no início e ao longo do processo, e os resultados dessas avaliações podem redirecionar as estratégias no período letivo.

Para Dooley [6] e Almeida [1], a ciência da Complexidade proporciona uma visão mais ampla sobre os fenômenos não lineares e imprevisíveis. Essa abordagem pode ser apropriada para explicar as diferenças entre os agentes envolvidos nos sistemas, por exemplo: a dinâmica de sala de aula, os estudantes com diferentes necessidades e o professor com diferentes práticas pedagógicas. Nesse ambiente, os agentes (estudantes e professor) estão em constante interação que requer adaptações para atender as diferentes estilos de aprendizagem.

Todavia, as dificuldades na aprendizagem podem ser identificadas de diferentes formas. Para Cunha, Brito e Silva [7] pode ser em razão de um comportamento inadequado, na aprendizagem lenta em relação à média dos estudantes em um conjunto de tarefas, ou até mesmo estudantes atrasados ou em defasagem em exercícios específicos tais como a leitura e/ou a escrita.

Okano *et al* [8] afirma que a identificação das dificuldades de aprendizagem vem aumentando, embora há muitos anos esse problema tem sido reconhecidamente relevante.

Autores como Linhares et al [9] e Okano et al [8] destacam que os efeitos contrários do fracasso escolar, quando a criança não desenvolve sua capacidade produtiva, têm apontado para a existência de relação entre dificuldades de aprendizagem e baixa auto-estima, aceitação e popularidade perante os colegas. A alfabetização no tempo certo eleva a importância dos anos iniciais de escolarização. Em outras palavras, a aquisição da leitura no início da escolarização mostra-se associada ao desenvolvimento de autoconceito mais positivo nos primeiros dois anos e meio de escolarização formal.

Reforçando essa questão, Linhares et al [9] destacam que, o estudante quando apresenta dificuldade escolar entra em um "círculo vicioso do fracasso", ou seja, quanto mais o estudante se sente inferiorizado, mais ele estará suscetível ao insucesso, e menos poderá obter aprovação a partir de seu desempenho.

Considerando as dificuldades de aprendizagem, Okano et al [8] afirma que o manejo das dificuldades no ambiente escolar não se constitui em tarefa fácil. Os autores afirmam que lidar com o baixo rendimento, insucesso escolar requer múltiplas implicações para estudante, para a família, professores e comunidade, em resumo, constitui-se em tarefa complexa e desafiadora para a qual não é possível criar um método fechado e previsível, o que indica para a necessidade de buscar alternativas que possam minimizar tal situação.

Além dessas indicações, muitas vezes, é necessário encaminhar o estudante com queixa de fracasso escolar e

dificuldade de aprendizagem para atendimento especializado de apoio à aprendizagem.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Essa experiência foi realizada na Escola Classe 104, localizada em São Sebastião, é uma unidade da rede pública mantida pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Foi inaugurada em 21 de dezembro de 2001 para atender os moradores dessa região, mas só passou a funcionar efetivamente no início do ano letivo de 2002. A escola está inserida em uma cidade de vulnerabilidade social no DF, segundo dados socioeconômicos de 2011 (DIEESE). Desde 2009, os índices no IDEB dessa escola ultrapassaram a meta projetada. Em 2013 alcançou o índice de (5.9), um resultado considerado positivo.

A aplicação desse projeto de Reagrupamento entre classes foi realizada no período de março a maio de 2014. A turma verde composta por 17 estudantes, sendo 11 (onze) do sexo masculino e 6 (seis) feminino. Desse quantitativo, um estudante com laudo de Deficiente Intelectual (DI atendido pela Sala de recursos), um estudante com Deficiente auditivo comorbidade com Déficit de Atenção e Hiperatividade (atendido pela sala de recurso para DA), e um estudante com Outras Necessidades. Nessa turma, oito estudantes foram encaminhados para equipe especializada de apoio à aprendizagem com queixas de: dificuldades de aprendizagem, dificuldades na alfabetização, problemas de comportamento e problemas na fala. Tais estudantes estão em processo de avaliação pela equipe.

Após realizados o teste da psicogênese e a avaliação diagnóstica na escola, no início do ano, observou-se a necessidade de uma intervenção pedagógica para os terceiros anos. A partir da análise dos dados obtidos e das alternativas de intervenção propostas pelo BIA (Bloco Inicial de Alfabetização) e reforçado pelo PNAIC(Plano Nacional de Alfabetização na Idade Certa) decidiu-se pelo reagrupamento entre classes. Foram selecionadas três turmas do terceiro ano (C, D e E) para aplicação do projeto, foram identificados 17 estudantes no nível pré-silábico e silábico. Optou-se em renomear as turmas reagrupadas por cores da bandeira do Brasil(verde, amarelo e azul), aproveitando o evento da Copa do Mundo de 2014.

Será descrita a experiência da turma verde que além da professora regente, contou com a cooperação de uma equipe de quatro professores da escola: (duas) coordenadoras, (uma) professora da sala de recursos e (uma) pedagoga da Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem. Foram realizadas as coordenações coletivas regulares com os professores das três turmas e a equipe auxiliar. Vale realçar que, o reagrupamento entre classes, é uma estratégia pedagógica que permite o atendimento às necessidades de aprendizagens de grupos específicos de estudantes por um período determinado. Nos Ciclos, o trabalho pedagógico com reagrupamentos favorece o avanço daqueles que necessitam progredir na hipótese dos níveis da psicogênese. No reagrupamento entre classes, os grupos são formados de acordo com o nível de desenvolvimento em que se encontram.

O reagrupamento entre classes pode promover a construção por parte do estudante de um itinerário formativo que atenda ao seu interesse por matérias diferentes que podem ser trabalhadas num determinado período, favorecendo a integração entre estudantes de diferentes turmas. Cada atividade pode ser direcionada a um grupo de estudantes que apresenta necessidades similares de aprendizagens facilitando assim, a atuação do professor. O objetivo geral do projeto visou **p**ossibilitar o avanço no nível da escrita, a partir dos parâmetros da psicogênese da língua.

Na perspectiva da complexidade, as características é a utilização de práticas pedagógicas colaborativas e adaptativas. Trata-se das ações desenvolvidas pela professora regente em parceria com agentes da escola (coordenadores do projeto interventivo, coordenadora do BIA, pedagoga do SEEA e professora da sala de Recursos) durante o período de aplicação do projeto.

As cartinhas pedagógicas pode ser considerada uma inovação como uma estratégia pedagógica. Em geral, as cartas comerciais se relaciona ao entretenimento, com personagens que incentivam o consumo, a sexualidade precoce, um estilo de vida que não condiz com os valores humanos e alguns até incentivam a violência. Os estudantes costumam levar essas cartas para escola e muitas vezes, tumultua o andamento das aulas por provocar conflitos entre os estudantes envolvidos.

Na escola são recorrentes as reclamações em relação ao uso de cartinhas/figurinhas comerciais quando os estudantes promovem em sala de aula a disputa do chamado "bafo". Buscando reduzir essa reclamação, foram elaboradas uma versão dessas cartinhas, mas com finalidade pedagógica. A primeira experiência do uso das cartinhas aconteceu durante a realização desse projeto de Reagrupamento, especificamente para abordar o tema da Copa do Mundo de 2014 e os países participantes conforme apresentado na Figura 1.

Figura 1: Cartas pedagógicas frente

Vale destacar que as cartas pedagógicas podem ser confeccionadas com temas variados. Na aplicação desse recurso, foi possível observar o interesse das crianças pelo conteúdo apresentado nesse formato. Nas aulas temáticas semanais foram utilizados os recursos de internet,

computador e jogos virtuais, projetor multimídia (uso de vídeos, músicas e *Power Point*) para enriquecimento das aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa experiência, compreende-se a importância do reagrupamento entre classes como estratégia educacional que possibilitem a alfabetização de estudantes com dificuldade de aprendizagem e, consequentemente, o alcance do sucesso escolar. Essa experiência é fortemente recomendado na literatura sobre dificuldade de aprendizagem e no Plano Nacional de Alfabetização na Idade Certa publicada pelo MEC.

Os resultados positivos podem ser atribuídos aos seguintes fatores: trabalho de equipe, postura cooperativa de todos os envolvidos, perfil de alfabetizadora da professora regente, pelo engajamento sistemáticos dos agentes (coordenadores, equipe especializado de apoio à aprendizagem e Sala de Recursos).

Nessa linha de raciocínio, esse projeto de reagrupamento possibilitou refletir sobre o processo de alfabetização e letramento como um sistema complexo que requer a cooperação sistemática dos diferentes agentes na escola. Foram necessárias adaptações no decorrer do processo com o objetivo de estimular a aprendizagem significativa dos estudantes. Principalmente, na superação das dificuldades dos estudantes, fortalecendo assim, a cultura do sucesso na comunidade escolar.

Um ponto fraco observado no término do período de aplicação do projeto um certo desconforto entre as crianças quando retornaram para sua turma de origem após adaptação na turma do reagrupamento. Os pontos fortes do projeto foram os avanços no desempenho dos estudantes no decorrer do projeto e nas avaliações realizadas ao término do projeto. O teste da Psicogênese apontou que a maioria dos estudantes melhorou no nível de alfabetização, portanto, o objetivo esperados foram alcançados.

REFERÊNCIAS

[1] ALMEIDA, O. C. S. Gestão das organizações complexas: o caso do sistema Universidade Aberta do Brasil na Universidade de Brasília. 2013. 254 f., il. Tese (Doutorado em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em **http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14135/1/2013_OniliaCristinadeSouzaAlmeida.pdf** Acesso em set/2014.

[2] VILLAS BOAS, B. M. de F. Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico. Campinas, SP: Papirus, 2004.

[3] OLIVEIRA, S. A Progressão das Atividades de língua portuguesa e o Tratamento dado à Heterogeneidade das Aprendizagens : um estudo da prática docente no contexto dos ciclos. Tese (Doutorado em Educação), - Universidade Federal de Pernambuco, .Recife, 2010.

[4] PERRENOUD, P. As novas didáticas e as novas estratégias dos alunos face ao trabalho escolar. In: PERRENOUD, P. Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar. Porto Alegre: Porto Editora, 19941995.

[5] BRASIL. MEC. SEB. *Guia de livros didáticos*; Letramento e alfabetização; Língua portuguesa. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica, 2009.

[6] DOOLEY, K. "Organizational Complexity," International Encyclopedia of Business and Management, M. Warner (ed.), London: Thompson Learning, 2002

[7] CUNHA, C. A., BRITO, M. R. S. e SILVA, S. M. F. Alfabetização, operatoriedade e nível de maturidade em crianças do ensino fundamental. Psico-USF (Impr.), Itatiba , v. 8, n. 2, dez. 2003 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712003000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 14 set. 2014. http://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712003000200007.

[8] OKANO, C. B. et al . Crianças com dificuldades escolares atendidas em programa de suporte psicopedagógico na escola: avaliação do autoconceito. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre , v. 17, n. 1, 2004 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722004000100015&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 14 set. 2014. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722004000100015

[9] LINHARES, M. B. M. et al. Caracterização dos motivos da procura de atendimento infantil em um serviço de psicopedagogia clínica. *Medicina Ribeirão Preto,* 1993, *26*, 148–160.